

O Professor no seu Labirinto

Os professores em Portugal parecem encontrar-se numa situação paradoxal: por um lado, os resultados escolares têm vindo a melhorar¹ e os professores gozam de uma imagem positiva por parte dos alunos e dos seus familiares². Também uma sondagem recente num jornal popular colocava a escola e os professores à frente, na “confiança dos portugueses, da Igreja, dos Tribunais, da Banca ou dos Hospitais”.

Mas, por outro lado, “em Portugal regista-se uma elevada percentagem de professores que se sentem muito pouco reconhecidos no seu local de trabalho” e poucos são os alunos do secundário que queriam seguir uma carreira ligada à educação³.

Se os resultados dos alunos têm melhorado, permanece uma taxa de retenção escolar que é das mais elevadas da OCDE e que continua a ser precoce (começa logo no 2.º ano de escolaridade), injusta (por ser muito mais provável nas crianças de meios mais desfavorecidos) e inútil⁴. A prevalência da “metodologia expositiva” na sala de aula (que é considerada das mais elevadas entre os países da OCDE) é apontada como um dos fatores possíveis de explicação para o insucesso escolar em Portugal.

Os directores de escolas do 3.º Ciclo e Secundárias consideram que o maior problema dos professores é “a resistência à mudança” que se traduziria, por exemplo, na pouca frequência de aulas

dadas em conjunto mas é a própria organização do tempo e do espaço da escola que o dificulta.

Estas aparentes contradições colocam os professores numa situação paradoxal e penosa. Sentem que a sua profissão se tornou muito mais complexa, que as suas funções se multiplicaram e não podem ser reduzidas à antiga definição do ensino como “transmissão de conhecimentos”.

Os professores sabem que o mundo mudou. Hoje, quando a educação é reconhecida como um direito de todos os cidadãos e uma necessidade de desenvolvimento das sociedades, os resultados já não são só atribuídos aos alunos e às famílias, tornaram-se também uma responsabilidade das escolas e dos professores.

Essa responsabilidade torna a profissão de professor muito mais exigente, múltipla e complexa. Os professores sabem que têm que diversificar metodologias e diferenciar a sua pedagogia. Mas sentem-se espartilhados numa lógica que se autossustenta: programas extensos e inadequados, exames sobre esses programas, gestão pouco pedagógica, horários sobrecarregados que não favorecem a articulação e a colaboração entre colegas, numa tradição de isolamento que os condiciona e leva à imutabilidade.

Para que os professores não se sintam acusados nem acoitados, para que não se sintam “de pés e mãos atados”, muito tem que mudar na escola, mas essa mudança tem que ser feita com eles e com os parceiros, principais interessados – alunos, pais, comunidade.....

O Conselho Nacional de Educação (CNE), com a riqueza, variedade e representatividade dos seus Conselheiros, pode contribuir para abrir caminhos de mudança neste labirinto de expectativas contraditórias.

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS

PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

¹ No Prefácio do Estado da Educação 2016 “Os resultados das avaliações internacionais do final do 1º Ciclo (TIMMS) e aos 15 anos (PISA) têm revelado claras melhorias nas aprendizagens dos alunos portugueses. Estes estudos realçam também o aumento da percentagem de escolas portuguesas inseridas em meios socioeconómicos desfavorecidos capazes de mitigarem a desvantagem dos alunos.” (p.7).

² “Os alunos portugueses do 4º ano não só se sentem bem na escola como têm os professores em grande consideração. 88% dos alunos afirmam que o seu professor tem um grande sentido de envolvimento com os alunos, porque conhece as suas necessidades, expõe de forma clara e fácil de compreender, dá trabalhos interessantes, sabe ouvir os alunos e dá bom feedback para que os alunos possam melhorar” (E.E. 2016, p.34).

³ Estado da Educação 2016, CNE, (p.40)

⁴ Ver prefácio Estado da Educação 2016, CNE, (p.7)